

A Figura da Mulher nas Tiras de Jornal

Jane Maria Paschoarelli¹
Marines Lonardoní²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo estudar as deficiências dos alunos do 3º ano do Ensino Médio na leitura, compreensão e interpretação de textos. Como a variedade de gêneros textuais é muito rica e abrangente, escolheu-se a multimodalidade existente nas tiras de jornal, além de observar que este gênero atrai a curiosidade e o interesse dos alunos. Ainda, diante da abrangência de temas de estudo desse gênero, fazia-se necessário concentrar um único foco de pesquisa. A análise das personagens femininas e seu discurso, produzidos por criadores masculinos e femininos, foi o foco de estudo que mais chamou a atenção, pois a linguagem feminina das tiras de jornal apresenta-se centrada na realidade e engajada na sociedade contemporânea. Durante o ano letivo de 2008, alunos do 3º ano do Ensino Médio tiveram um contato mais íntimo com as tiras do jornal *Folha de São Paulo*. Estudaram as personagens femininas Helga, de Dik Browne, Aline, de Adão Iturusgarai e as Mulheres Alteradas, de Maitena, além de músicas, quadros, capas de revistas e pesquisas sobre a evolução da situação da mulher ao longo da história. Os resultados apontam que os alunos puderam melhorar sua leitura do universo feminino e compreender as possibilidades interpretativas das tiras e de outros recursos que trataram do tema mulher, de sua representação e de seu discurso.

Palavras-chave: Leitura. Tiras de Jornal. Discurso Feminino.

Abstract: This work has as objective to study the high school students' deficiencies in text's reading, comprehension and interpretation. As the variety of textual gender is very rich and wide-ranging, was chose the multimodality existent in cartoons, as well as observer that this gender attract the students attention. In front of the wide-ranging themes of studies in this gender, was necessary to concentrate one research focus. The female character analysis and their speeches, produced by male and female creators, was the study focus more interesting, because the female language in the cartoons is concentrated in contemporary society reality. During the 2008's year of study the high school students' had a more intimacy contact with the cartoons of *Folha de São Paulo* newspaper. They studied the female characters Helga, by Dik Browne, Aline, by Adão Iturusgarai and Mulheres Alteradas, by Maiten, over there songs, paintings, magazines and research about the woman condition evolution in history. The results point that the students could improve their female word readings and to comprehend the interpretative possibilities in cartoons and other resources about female themes, her representation and her speech.

Key-words: Reading. Cartoons. Female Speech.

Introdução

A linguagem oral e escrita evolui tão rapidamente quanto a humanidade. O surgimento de novos gêneros textuais, utilizados nos mais diversos ambientes e situações lingüísticas, nos provam essa evolução. A tecnologia, que avança velozmente, permite o aparecimento e dispersão desses novos gêneros.

Nem sempre a escola, com seus livros didáticos, dá conta de focar tantos gêneros emergentes. As tiras de jornal são um exemplo desses gêneros. Inseridas na sala

¹ Professora PDE 2007 – Universidade Estadual de Maringá – UEM

² Professora Orientadora do PDE – Co-autora deste artigo – Universidade Estadual de Maringá – UEM

de aula ajudam a subsidiar a competência argumentativa dos alunos a partir de relações lógico-discursivas e críticas sociais despertadas por sua leitura.

As tiras são enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada.

Além de observar a linguagem e as diferenças de gênero, outro aspecto deste trabalho deve ser destacado: a leitura, que deve ser prazerosa e simples, objetivando tornar o leitor mais interativo com o texto, possibilitando assim, o desenvolvimento da oralidade.

O objetivo central deste trabalho foi de valorizar a leitura crítica, pautada em tiras de jornal, que contemplem o discurso feminino produzido por personagens femininas criadas por homens e mulheres. Para tanto, tal gênero textual foi apresentado a alunos do 3º ano do Ensino Médio, para que fizessem a exploração das tiras, lendo as informações apresentadas, tanto do conteúdo escrito quanto dos recursos oferecidos pelas imagens, em seus detalhes. Todas as tiras tinham como característica comum apresentarem personagens femininas em diversas relações sociais. Os alunos foram motivados a fazer um levantamento dos elementos presentes nas tiras e também analisá-los, percebendo os diferentes tipos de discurso e identificando as marcas do machismo presentes nas falas e gestos representados nas cenas do material utilizado.

Como resultado obtido aponta-se o desenvolvimento da acuidade dos alunos na percepção das variadas características apresentadas nas diferentes tiras, bem como a percepção dos discursos explícitos e subentendidos apresentados no material trabalhado. Também apresentaram maior interesse pelo gênero textual tiras de jornal e, de certa forma, por outros tipos de leitura, fazendo relações entre discursos, percebendo características discursivas semelhantes em diversos recursos.

Acredita-se que este estudo possibilitará futuros aprofundamentos nesse gênero discursivo, uma vez que a riqueza de procedimentos que visam ampliar as competências leitoras dos alunos é muito vasta e tem como finalidade a produção de sentido na leitura das tiras de jornal.

1 – Analisando o gênero

Como foi explicitado, a presente pesquisa objetiva a análise de tiras de jornais com enfoque em personagens femininas. Para que tal análise seja consistente, serão discutidos/refletidos aspectos referentes ao texto/gêneros textuais, discurso feminino e leitura, além de informações específicas às tiras.

1.1 – Texto/gêneros textuais

Para Bronckart (2003, p. 71) “Texto designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem lingüisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário”. Dessa forma, as tiras de jornal comportam a caracterização que as configuram como texto e as inserem no repertório lingüístico de apreciação dos estudantes, como gênero textual que chama a atenção do leitor e carrega uma mensagem.

Dionísio (2002) também explica que os gêneros discursivos são multimodais, isto é, produzem-se de diferentes formas: com palavras e gestos, com palavras e entonações, com palavras e imagens. Sendo assim, trabalhar com tiras de jornais numa perspectiva enunciativa é muito mais que uma atividade de decodificação. Para produzir sentido, o leitor deve estabelecer uma arregimentação das vozes e posições discursivas dos locutores e/ou enunciadores do texto.

Para compreender o texto, o leitor deve dominar as metáforas para produção de sentidos, além de considerar o conteúdo em que se dá o fato enunciado. As tiras compreendem um gênero rico por apresentar formulações explícitas, o que desencadeia as reflexões sobre o funcionamento da língua e as atividades de compreensão e interpretação textual. Daí o motivo de se ter destacado como objetivo deste trabalho o plano temático do universo feminino das tiras de jornal.

Tomando como base o postulado de Bakhtin (1993 *apud* DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2002), verifica-se que as HQs representam um gênero discursivo secundário, pois aparecem em situações de comunicação cultural na forma escrita e muitas vezes, em função do enredo desenvolvido, envolvem os gêneros discursivos primários que correspondem a circunstâncias de comunicação verbal espontânea.

Também Marcuschi (2000 *apud* DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2002) mostra que a concepção da HQ é de base escrita, pois a narração é baseada em roteiros escritos como no cinema, apesar da tentativa de reproduzir a fala (informal), através de interjeições, reduções vocabulares, onomatopéias, gírias, além de gestos e expressões das personagens.

Os quadrinhos procuram reproduzir-se numa conversação natural, através da palavra escrita, por isso é necessário o estudo das duas modalidades: o oral e o escrito, que constituem o mesmo sistema lingüístico. Sobre o sistema lingüístico, Marcuschi (1986, p. 62) afirma que “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferentes”.

1.2 – Discurso feminino

Na questão de gênero (masculino/feminino), Spender (1980 apud COULTHARD, 2001), sugere que no passado os homens dominavam a linguagem e, através dela, subjugavam as mulheres. Os homens eram vistos como seres representativos de uma cultura inteira porque tinham o controle sobre a linguagem e seus significados. As mulheres constituíam o grupo mudo, ou seja, não tinham “voz”.

Com postulado semelhante, Ardener (1978 apud COULTHARD, 2001) argumenta que “as mulheres têm sido excluídas não somente pelas convenções sociais (...) , mas também pelas formas de comunicação criadas pelos homens...”

A autora conclui que os homens controlam a linguagem e, por conseguinte, o pensamento. Por outro lado, argumenta que as mulheres são capazes de gerar significados, mas que sua grande dificuldade é a de verbalizá-los. Nesse caso, a linguagem não está controlando o pensamento, somente sua expressão verbal.

Como se pode observar, há muitas diferenças na linguagem utilizada entre homens e mulheres e muitas dessas diferenças relacionam-se ao poder.

Nesse sentido, O’Barn (1980 apud COULTHARD, 2001) sugere que os homens, em situações ameaçadoras da perda desse poder, adotam posturas femininas.

Algumas lingüistas feministas acreditam que, ao mudar a linguagem, pode-se mudar a posição inferior das mulheres. No entanto, o uso da linguagem é meramente um reflexo das relações sociais. Somente quando houver igualdade social, homens e mulheres serão capazes de usar um mesmo estilo interativo.

No que diz respeito à análise do discurso e ao sentido, Possenti (2004) afirma que:

O sentido das palavras se resolve de maneiras variadas na tradição lingüística e filosófica (...) (sendo) a etimologia, a convenção, a distinção entre sentido e referência, extensão e intensão, sentido literal versus figurado, denotação versus conotação.

A análise do discurso, rompendo com esses estudos do sentido, apresenta uma versão peculiar: o sentido de uma palavra (ou expressão mais ou menos equivalente) se resolve na medida em que uma delas pode ser substituída por outra, no interior de uma certa função discursiva. Assim, o sentido é um efeito da substituibilidade das expressões, sendo que o conjunto delas produz (pode produzir) um efeito de referência, ou seja, de identificar objetos no mundo a partir de uma visão entre outras, que pode ser tudo, menos “objetiva” (pp. 371 e 372)

A afirmação do autor leva a considerar a importância de uma análise subjetiva dos conteúdos apresentados nas charges, em especial de seus discursos e assim propiciar maior liberdade aos leitores deste gênero textual.

Ao analisar o discurso feminino produzido por autores masculinos nas tiras de jornal e o contexto em que estão inseridas, observa-se a postura dessa ideologia cultural dominante em contraponto com o discurso feminino produzido por uma mulher. Por isso, a linha de análise utiliza os teóricos do gênero.

1.3 – A leitura

Observa-se que a leitura meramente decifrativa não leva em consideração o universo do sujeito leitor e sua experiência vivencial ou ainda, seu conhecimento prévio à leitura.

Freire (1987 apud ZAPPONE, 2001) defende que a leitura seria uma interpretação crítica e, de certa forma, personalizada do que se lê, pois o leitor levaria em conta todo o seu conhecimento prévio, sua experiência de vida e, acima de tudo, a sua realidade. Sua concepção de leitura, portanto, supõe para o leitor uma posição de sujeito no processo de atribuição e significado e não mero receptor de idéias veiculadas ao texto e pelo autor. Para ele, a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Nesse sentido, a leitura pressupõe a inserção do sujeito na esfera social, histórica e ideológica.

Partilha da mesma idéia Silva (1988 apud ZAPPONE, 2001) ao afirmar:

Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em

termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação e produção sociocultural futura e, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida.

Por isso mesmo, considerando as contradições presentes em nossa sociedade, uma concepção de leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao questionamento, à conscientização e à libertação.

A leitura, segundo este ponto de vista, comporta a capacidade de interferir de maneira efetiva nas relações sociais, no desenvolvimento das ações e na tomada de decisões. Ao relacioná-la aos conceitos de consciência e liberdade aponta o caráter do indivíduo frente à sociedade e as buscas que promovam sua autonomia e desenvolvimento. A leitura pode ser entendida – concordando com vários estudiosos de sua concepção – como um instrumento de poder.

1.4 - As tiras jornalísticas

A figura feminina está em crescente ascensão no mundo social, político e cultural. A participação das mulheres na construção do mundo contemporâneo é cada vez mais reconhecida e valorizada. Nas HQs e nas tiras de jornal é crescente o número de personagens femininas que representam e/ou buscam representar a consciência, os anseios, o comportamento, os preconceitos, o trabalho, a família, enfim, a nova mulher.

As tiras de humor do jornal constituem-se hoje num recurso muito interessante de análise da linguagem e dos discursos por elas veiculados. Elas não apresentam apenas humor, muito além disso, se apresentam com uma função social, pois mostram, ilustram, informam, emocionam, chocam e instruem através de histórias seqüenciais ou não. Antes condenadas por pais e educadores por apresentar uma linguagem “deseducadora”, são agora exemplo de criatividade verbo-visual, como pode-se verificar na tira *Hagar*, de Dik Browne publicada em 22/09/2007 no Caderno E da *Folha de São Paulo*. A tira ilustra em dois quadrinhos o diálogo de Helga com sua filha. No primeiro quadrinho a filha, numa posição corporal e numa expressão

facial que remete ao desalento diz *Não entendo os homens!*, ao que sua mãe responde, com olhar de sábia conhecedora *é porque eles falam de boca cheia*. O segundo quadrinho apresenta o rosto da filha, numa espécie de close e um balão indicando o pensamento dela: *será tão simples assim?...* As características formais presentes no quadrinho valem-se das características verbo-visuais a fim de alcançar a ironia e também, como é o caso desta tira, apresentar alguma crítica ao comportamento das pessoas frente diferentes concepções da condição masculina e feminina.

Identificar tiras ou histórias em quadrinhos não é difícil em razão de sua representação: em quadros, desenhos e balões. Mas, em se tratando de gênero textual, encontramos dificuldades para enquadrá-las por sua complexidade, tendo em vista um número incontável de enfoques possíveis, tais como: seqüências narrativas, seqüências características de outros tipos textuais como a argumentativa e a injuntiva.

De modo geral, podemos definir as tiras de jornal como gênero narrativo, seqüencial (em capítulos) ou fechado (um episódio por dia), subtipo das HQs, mais curtas, de caráter sintético (até quatro quadrinhos).

Os estudantes sempre querem ler os quadrinhos que existem nos livros didáticos. Mas, estes normalmente aparecem nos livros indicando para o aluno que é hora de diversão ou de relaxar. Não exploram o potencial discursivo tão rico e variado que eles trazem. No Ensino Médio encontramos materiais didáticos geralmente voltados para o vestibular, pouco atraentes e pobres em análise discursiva. Nessa fase escolar os alunos passam da infância à adolescência e tornam-se naturalmente mais críticos e questionadores em relação aos conteúdos escolares. As aulas de leitura passam a se tornar um sofrimento para o aluno, principalmente das séries iniciais, que não compreendem a complexidade dos períodos literários. Nesse contexto, as tiras podem ser um instrumento muito valioso para o desenvolvimento do hábito de leitura com produção de sentido, além da exploração da adequação/inadequação do uso da língua, do estudo das variações lingüísticas, os preconceitos lingüísticos, a diferença entre as modalidades da fala e da escrita, os aspectos da oralidade, a caracterização das personagens em textos narrativos, a compreensão do sentido através do contexto, a coesão textual, os recursos de expressão visual, além dos temas pertinentes à vida contemporânea.

As diretrizes curriculares propõem que o texto deve ser visto como agente de interação dialógica para construir e ser construído. Os textos articulam vozes e

discursos dos atos humanos, levando o sujeito a se reconhecer, interagir e trocar experiências por meio da linguagem.

Consideram, também, que o texto não é um objeto fixo, em mobilidade num determinado período do tempo. O texto é dialógico, intertextual e atemporal. Um texto sempre remeterá o leitor a outros textos, contemporâneos ou não, por isso podemos dizer que ele representa uma multidão de vozes sociais e, através dele, o sujeito vai se constituindo socialmente.

Embora as tiras ofereçam inúmeras possibilidades de estudo, conforme já mencionado, nesta abordagem encontramos uma forma de, não apenas conquistar o interesse dos alunos para uma leitura considerada “fácil”, mas de aprofundar e explorar as potencialidades pedagógicas desse gênero.

No mundo dos quadrinhos há poucas mulheres como autoras dessa arte. No entanto, as personagens femininas, criadas por homens, têm um discurso feminino. Será mesmo? As tiras são um gênero muito rico e abrangente e oferecem múltiplas possibilidades de investigação. Como pode-se trabalhar com este gênero no Ensino Médio?

Refletindo sobre essa questão, foram escolhidas para este trabalho as tiras que destacam a imagem da mulher devido ao espaço que ela conquistou no mundo atual, através da participação efetiva no mercado do trabalho, na política, na sexualidade, enfim, em todos os segmentos da sociedade; e o discurso e o interdiscurso produzido por personagens femininas dessas tiras. O material escolhido tem sua edição veiculada no jornal *Folha de São Paulo* e dele destacaremos as personagens Helga (da tira Hagar, de Din Browne), Aline (de Adão Iturrusgarai) e Mulheres Alteradas (de Maitena), esta última, uma mulher como criadora para que se possa fazer uma análise comparativa dos discursos, uma vez que os gêneros discursivos devem orientar qualquer projeto de produção escrita.

Por que estudar o discurso feminino nas tiras de jornal?

As tiras apresentam recursos lingüísticos próximos da linguagem oral, as falas são curtas, informais, espontâneas, além de as personagens se expressarem também através de gestos, expressões faciais, assim como a produção de sentido que podemos estabelecer através da análise do texto e da imagem (o verbal e o não-verbal).

No estudo das tiras, analisar texto e imagem é imprescindível para a construção do sentido. Os recursos paralingüísticos, como as mudanças de grafia para realçar uma palavra ou sentimento, também são importantes suportes ao estudo das tiras.

Estando a figura feminina em destaque nas diferentes mídias e sendo cada vez mais marcante a contribuição das mulheres na sociedade tem-se também uma maior busca por liberdade e independência. Porém, ao mesmo tempo, constantemente encontram-se expressões machistas e patriarcais revestidas em discursos pró-liberdade feminina, ou seja, afirmam uma aparente liberdade da mulher pautada em preconceitos e objetificações que apenas reafirmam a tradição de colocar a mulher num espaço de marginalidade ou submissão, mesmo quando o discurso parece remeter a algo diferente.

Tal situação é encontrada nas tiras objeto de análise deste trabalho. Através da observação dos recursos verbais e não-verbais das tiras foi possível encontrar o discurso machista proferido e reafirmado pelas personagens femininas, mesmo quando estas buscavam sua liberdade e a criação de uma identidade “moderna”.

Cada uma das personagens foi analisada em diversos aspectos a partir da utilização de uma ou duas tiras para exemplificação.

1.4.1 Algumas características das mulheres no papel de Helga, Aline e Mulheres Alteradas

Helga

Helga, esposa de Hagar, o terrível, é uma dona-de-casa, mãe dedicada, de origem nobre, vinda de Oslo, capital da Noruega. Inteligente, sensível, sensata, sofre às vezes com o companheiro por ele ser considerado “o terrível”, mas na verdade Hagar não passa de um preguiçoso, comilão, sujo e ausente.

Por Helga ser corajosa e trabalhadora, ela é a verdadeira guerreira viking e sempre dá a palavra final em qualquer situação. Os recursos gráficos nesta tira apresentam formas próximas do real, com desenhos bem feitos, destacando todos os detalhes. O chapéu de Helga e Hagar são iguais, o que representa ela ocupar posição semelhante à do marido. Na sociedade viking, a mulher, após o casamento, tornava-se senhora do lar com os mesmos direitos do marido, pois na ausência deste, era ela quem administrava a casa e a educação dos filhos.

Os temas são apresentados em forma não seqüencial e abordam o amor, a família, o trabalho, a educação dos filhos, as amizades, etc.

Na tira de *Hagar* publicada em 09/10/2008, no Caderno E da *Folha de São Paulo*, uma das escolhidas para análise, a personagem Helga dá conselhos à filha em idade de se casar. Helga apresenta um ar de esposa e mãe de família tradicional,

sua postura é muito peculiar: dedo em riste e cabeça erguida numa demonstração de sabedoria e orgulho. O primeiro quadrinho da tira apresenta a imagem de Helga, junto ao fogão, cozinhando a refeição da família num caldeirão enquanto sua filha está sentada ao redor da mesa, logo atrás da mãe. As palavras de Helga dirigidas à filha, com ar de sapiência, instruem-na sobre seu futuro de mulher casada e inicialmente dão a entender que a vida de casada é feita de compartilhamento de tarefas e união entre o casal: *Mais cedo ou mais tarde, quando estiver muito ocupada, você vai ter vontade de pedir ao seu futuro marido para fazer as compras da semana*. Na seqüência, Helga explode num acesso de raiva e decepção com a vida que tem. As palavras no segundo quadrinho aparecem num tamanho muito maior, com aspas e cor diferente, num grande destaque. Ela diz *“Mas não peça!”*.

A ironia se apresenta pela oposição construída entre o primeiro e o segundo quadrinho. Diante da serenidade oferecida pela personagem enquanto faz a introdução ao assunto tem-se a impressão de que ela fará um discurso sobre as recomendações que a filha deve dar ao futuro marido no caso de precisar contar com a ajuda dele para as compras da semana. O segundo quadrinho traz uma fala que se opõe veementemente à idéia de fazer tal pedido a um homem.

O que há por trás da frase “Mas não peça”? Pode-se notar que, na tentativa de mostrar humor, na verdade, há um tom machista quando o autor retrata o casamento sob o ponto de vista tradicional em que o homem está sempre fora de casa e a mulher acaba se tornando solitária e insatisfeita.

Uma outra tira utilizada, publicada no mesmo caderno e jornal que a tira anterior, agora no dia 29/05/2007, apresenta Helga novamente dando conselhos à filha e, mais uma vez, referindo-se às atividades domésticas. Ela diz: *Para que o casamento seja feliz, o casal precisa se divertir a dois*. O segundo quadrinho da mesma tira mostra a imagem da casa da família de Helga e Hagar e dois balões de fala. O primeiro deles refere-se às palavras da filha, solicitando uma informação que complementaria o conselho de sua mãe: *Fazendo o que?* Ao que Helga responde: *Lavando... passando... cozinhando... arrumando a casa...*

Em quase todas as tiras de Hagar estudadas, Helga aparece sempre forte e trabalhadeira nas atividades do lar, mas também sempre brava e insatisfeita com o marido. Essa idéia é reforçada no segundo exemplo, quando Helga explica que o casal só fica unido e se diverte junto quando está “Lavando... passando... cozinhando...”.

Qual será a intenção do autor ao apresentar Helga sempre em estado de infelicidade, mas ao mesmo tempo resignada? Será este o papel da mulher na sua visão? As leitoras, ao analisar esta personagem, que idéia terão do casamento? Se Helga é uma verdadeira viking, por que não tenta mudar sua situação?

Desse modo, entende-se, aqui, que é a partir de reflexões como estas que podem ser encontradas as bases para analisar o discurso masculino proferido por personagens femininas. Nas falas de Helga, pode-se encontrar facilmente marcas de discurso machista que impõe à mulher, por mais batalhadora que seja, um papel aparentemente principal, mas, na verdade, secundário em todos os sentidos.

Helga é apenas coadjuvante de seu marido. Ela é o suporte físico para o cansaço e fracasso de seu marido que chega da luta diária e busca o conforto de uma casa limpa e bem cuidada e de uma boa comida sempre à disposição.

Aline

Aline, de Adão Iturrusgarai, é uma jovem que trabalha, é independente, mora com dois namorados e tem um comportamento típico de homens. Ela sempre fala o que pensa, faz o que quer e com quem quer. Seus namorados, Otto e Pedro são obrigados a aceitar seu comportamento, pois é ela quem os sustenta. Otto e Pedro têm papéis considerados femininos na história.

As tiras de Aline são seqüenciais, apresentam histórias divididas em capítulos quase diários. Os temas exploram questões comportamentais das mulheres mais jovens, hoje vistos com mais “naturalidade” e considerados comuns na atualidade, tais como: a liberdade sexual, a mulher como chefe da casa (financeira e emocionalmente), independência, trabalho, etc.

Os traços do desenho são próximos aos da caricatura, que realçam algumas características das pessoas, não são definidos e parecem desenhos de adolescentes representando a si mesmos.

Na tira selecionada tem-se Aline como balconista de um sex-shop. Na solução encontrada pela personagem para resolver o problema de uma cliente, deixa claro que ela é uma garota ultra moderna e participa de um novo estilo de comportamento sexual em que não há qualquer tipo de regra moral.

Uma das tiras utilizadas para análise, publicada em 08/08/2007, no Caderno E da *Folha de São Paulo* apresenta Aline trabalhando em um sex-shop como atendente. Uma cliente chega e dirige-se a Aline: *Eu e meu marido estamos levando uma vida sexual muito monótona...* A fala da cliente continua no segundo quadrinho: *O que*

poderia levar pra apimentar nossa relação? Um chicote, um vibrador? Ao que Aline responde, com expressão animada, de quem tem uma sugestão brilhante: Nada disso! Tive uma idéia melhor! O terceiro quadrinho apresenta a cliente chegando em sua casa de mãos dadas com Aline (esta com os seios à mostra) e apresentando-a ao marido: *Amor!! Trouxe uma surpresa!!*

O papel que Aline exerce nas tiras provavelmente teria uma vida curta se fosse protagonizado por um homem, pois seu comportamento seria compatível com o público masculino e, por haver semelhanças, não haveria reflexões e questionamentos sobre os valores comportamentais abordados.

Na tira em estudo, observam-se três palavras destacadas: *monótona, apimentar, idéia* (esta, proferida por Aline). Na sociedade com ideologia patriarcal em que ainda vive-se, estas palavras fazem parte do universo masculino que se considera sempre o controlador da situação e o iniciador da ação. Mas, apesar de o criador colocar personagens femininas em papéis tradicionalmente “masculinos”, emprega artifícios com apelo erótico ao desenhar no último quadrinho um homem com jeito comportado, passivo e sério em oposição às duas mulheres que chegam alegres. Aline já está seminua, o que sugere que a *idéia* que ela teve foi de fazer sexo a três (desejo muito comum entre os homens). Quando a mulher chega ao sex-shop e pergunta à Aline o que ela poderia levar para apimentar a relação com o marido, Aline (nas tiras, símbolo da mulher livre e auto-suficiente) se coloca à disposição como se ela fosse um objeto. Pode-se deduzir que Aline na verdade foi colocada como uma mulher leviana ao se posicionar como instrumento de prazer e ainda ficar feliz com isso.

O outro exemplo utilizado junto aos alunos, publicado em 14/08/2008, mais uma vez no caderno E do jornal *Folha de São Paulo* não traz Aline como protagonista, mas outras mulheres em situações diversas de relacionamentos interpessoais, e, como a tira leva o nome da personagem, indica que ela faz parte deste grupo de mulheres “que nunca dizem o que estão sentindo”.

São quatro situações: na primeira delas, uma mulher elogia a amiga dizendo: *Você está cada dia mais elegante!* O rodapé do quadrinho apresenta o comentário do narrador: *Deve estar viciada em anfetaminas.* A afirmação de que a amiga está elegante, de acordo com o narrador, só pode ser dita sob o efeito de alguma droga, no caso anfetaminas; na segunda situação, uma outra mulher que numa conversa com um homem numa possível mesa de bar ou restaurante e afirma preferir ser solteira tem seus pensamentos, segundo o narrador, totalmente voltados para o

futuro matrimônio que terá com o sujeito e os filhos que terão juntos; o terceiro quadrinho apresenta a mulher que quer ter sua idade adivinhada pelo homem, mas que adoraria ser lisonjeada com uma resposta que a fizesse mais jovem; no quarto e último quadro o casal está dentro de um fusca – a mulher elogia o veículo, mas internamente sente-se envergonhada pela situação e espera que ninguém a veja.

Todas as situações descritas apontam para modelos estereotipados de conduta feminina, pautados especialmente na mentira e na falsidade. Reforçam também idéias de uma busca incessante pela realização através do matrimônio, a eterna insatisfação com a aparência unida ao desejo de ser sempre jovem e também o desejo por status e a possibilidade de exibir uma condição material favorável e invejável.

Ao apresentar tais características, o narrador reafirma preconceitos e coloca sua protagonista Aline, já apresentada como independente e liberal, como adepta de concepções femininas estereotipadas, ou seja, todas as suas condições de mulher moderna caem por terra ante conceitos preestabelecidos a ela direcionados.

Mulheres Alteradas

Em *Mulheres Alteradas*, a argentina Maitena procura tratar, geralmente num único quadro, à semelhança de uma charge, situações pertinentes ao universo da mulher de qualquer nacionalidade: a beleza, o trabalho, o amor, o divórcio, a solidão, a educação dos filhos, a preocupação com a idade, enfim, os problemas femininos mais comuns.

O alvo principal de Maitena são as mulheres entre 15 e 80 anos, mas os homens também se divertem com suas histórias, pois identificam suas mulheres nas personagens das charges.

O aspecto gráfico dos desenhos é disforme, foge aos padrões de beleza, traduzindo o feio, o exótico, desviando-se das normas-padrão, como para representar uma realidade mais palpável e próxima dos problemas e da aparência verdadeira das mulheres.

No primeiro exemplo apresentado tem-se um diálogo entre mãe e filha. A filha, envolvida em seus estudos, faz de sua mãe, dona de casa, sua provedora de necessidades. No segundo exemplo, uma mulher demonstra claramente sua carência afetiva e a falta de perspectiva de realização amorosa, tema muito comum entre as mulheres de hoje.

Maitena, mesmo sendo uma mulher criadora de personagens femininos, não deixa de apresentar também um discreto discurso machista nas falas dessas personagens. Foram analisados dois quadrinhos da autora, ambos publicados no caderno Equilíbrio da *Folha de São Paulo*, nos dias 24/05 e 16/08/2007. Os dois são compostos por um único quadro que relata um diálogo breve entre duas personagens femininas. No primeiro quadro estão presentes mãe e filha; A mãe traz um lanche à filha que está sentada na frente de um computador e rodeada por livros, cadernos e outros papéis. A mãe representa a dona de casa que cuida dos filhos e atende as suas necessidades ou desejos. A fala da mãe é a seguinte: *Ai menina! Por que não pára de perturbar e procura um marido?* Apesar de empregar uma fala mais atual quando profere “Ai menina! Por que não pára de perturbar...”, não há como negar que a continuação do discurso reproduz o modelo de sociedade patriarcal tradicional ao completar com “...e procura um marido?”. Desejar que a filha se case significa cumprir as regras da sociedade e da família, além de querer que ela tenha o mesmo destino que o seu: se ocupar do marido e dos filhos. Para se opor a esse discurso e trazer humor à charge, a resposta da filha traduz o pensamento da mulher centrada em outras atividades que ocupam mais seu tempo. Quando a filha diz não gostar “dos caras casados”, demonstra que o casamento não é a sua meta. Trabalhar e/ou estudar representa os novos ideais femininos.

No segundo quadrinho analisado, uma personagem parece feliz, com um convite nas mãos e, parecendo responder a uma fala pessimista da amiga com quem dialoga, diz: *Ai, que negativa! Como pode achar ruim alguém se casar? Pense positivamente! Não te dá esperanças que as pessoas continuem casando?* A outra personagem do quadrinho, com olhar de decepção, diz que não há nada de positivo nos casamentos, pois haverá menos solteiros disponíveis. Nesse discurso, mais uma vez parece que o casamento é o principal objetivo das mulheres. É ele que fará com que ela se sinta realizada e feliz. Percebe-se pelas imagens, que as mulheres são modernas, acompanham a moda nas roupas e nos cabelos, mas ainda têm pensamentos e desejos da mulher tradicional que sonha com casamento.

O que pode ser concluído a partir destas observações é que mesmo na intenção de representar a mulher atual, moderna, participativa da sociedade em constantes mudanças, o que se vê, através da análise dos discursos, é a manutenção de uma estrutura paternalista de comunicação de valores. Os quadrinhos tentam variar a representação do universo feminino, mas sempre acabam em idealizações e retomam, invariavelmente, os conceitos tradicionais do que é ser feminino.

1.5 – As tiras como objeto de estudo na sala de aula

Tendo em vista o objetivo do trabalho realizado junto aos alunos ter sido levar à reflexão sobre o papel e a imagem da mulher no contexto social da contemporaneidade e sobre os problemas comportamentais da mulher moderna representada nas tiras de jornal, a fim de compreender o processo evolutivo do ser humano (neste caso específico a mulher) como agente construtor da história, as tiras das já referidas personagens foram a eles apresentadas e exploradas.

No aspecto da investigação disciplinar, salientou-se a função social das tiras de jornal, pois a leitura deve propiciar uma forma de conhecimento do mundo, levando o leitor a tomar consciência da realidade e, a partir daí, tornar-se um indivíduo crítico, reflexivo e transformador.

As tiras estão no plano da narrativa e trabalham com temas universais independentes do tempo. São, portanto, atemporais. Conseqüentemente, as tiras têm hoje uma importante função social. Através do humor elas levam o leitor à reflexão sobre os problemas mais comuns vividos pela sociedade, no caso das tiras escolhidas, os problemas vividos pelas mulheres.

Na perspectiva interdisciplinar, a investigação das tiras contou com a exploração dos aspectos formal, estético, discursivo, histórico e cultural. Na disciplina língua portuguesa pode-se, por exemplo, iniciar uma atividade a partir dos planos formal e discursivo, explorando o que o texto diz, como e por que diz. Essa atividade pode se entrelaçar com uma análise histórica sobre a mulher e seu comportamento, sobre a sociedade retratada nas tiras (no caso de Helga, a sociedade Viking) e a importância da mulher nos dias atuais.

Aliada à História, temos a Arte e, no caso das tiras, a abordagem artística não deve ser desprezada, tendo em vista que os sentidos dos temas explorados por elas não estão prioritariamente na escrita. O recurso visual torna-se assim o dispositivo mais importante no estudo desse gênero textual, uma vez que a imagem fixa, com ou sem diálogo, pode ser observada, admirada, analisada pelo tempo que o leitor julgar necessário.

Uma outra fonte que foi explorada junto aos alunos, para acrescentar elementos às suas reflexões, foram as telas de grandes pintores de épocas distintas. Nelas foi possível fazer um levantamento de como a mulher era retratada nos diversos períodos literários e históricos.

De modo semelhante, capas de revistas foram exploradas, desta vez recuperando e analisando as imagens que as grandes revistas em circulação veiculam a respeito da mulher e como essa imagem sofreu modificações com o passar do tempo numa análise comparativa entre capas atuais e antigas, especialmente no que se refere a tabus a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira e mundial.

Na contextualização, buscou-se a leitura e a produção de sentidos através do estudo das linguagens verbal e não-verbal, da imagem e do produto discursivo por ela produzido, valorizando uma abordagem dialógica que envolvesse os princípios da história da humanidade, como um todo, estabelecendo correlações entre leitura, compreensão, interpretação e produção de sentidos.

Baseando-se nesse contexto, encontraram-se nas charges e nas tiras de jornal um instrumento de exploração dos discursos, principalmente o feminino. A charge e a tira são retratos artísticos da realidade contemporânea. Através delas, encontra-se um vasto repertório de conteúdos a serem explorados em sala de aula.

Como já foi dito, a charge foi o ponto de partida para a discussão a respeito do discurso feminino, mas outros recursos foram utilizados e entre eles recebeu destaque a música.

Foram utilizadas duas: *Cor de rosa choque* e *Todas as mulheres do mundo*, ambas de Rita Lee e Roberto de Carvalho. A primeira delas faz refletir sobre a situação da mulher moderna, que vai á luta e nem por isso deixa de ser feminina, fator esse ressaltado na cor rosa, cor representativa da mulher. O adjetivo choque complementando a cor rosa reforça a idéia de força da mulher que quer ser feminina sem ser submissa, sem se submeter ao ideário padrão destinado às mulheres, principalmente os de caráter pejorativo. A cor rosa choque é uma cor viva, intensa, sensual, forte, quente e que não passa despercebida, assim como que a mulher feminina, independente e orgulhosa de ser o que se é.

A segunda música citada faz referência a várias personalidades femininas, cita nomes de mulheres famosas que têm ou tiveram papel importante na história do mundo atual. O refrão fala dos grandes sonhos da mulher que é ser amada e feliz. O trabalho de composição da letra da música é interessante por apresentar as personagens Leila Diniz, Madonna, Irmã Dulce, Diana, entre outras, e oferecer uma relação entre famosas e desconhecidas a partir do desejo e da vontade que todas têm de ser feliz.

2 – Considerações finais

Diante do trabalho de leitura e análise desenvolvido a partir do discurso feminino em tiras de jornal dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, é possível concluir a pertinência e a contribuição de tal atividade, tanto pelo material utilizado, tiras de jornal, com sua linguagem aparentemente “fácil”, mas com tantos recursos a serem explorados, quanto pelo enfoque dado, o discurso feminino apresentado pelas personagens femininas, em diferentes contextos, criadas por autores homens e mulheres, numa grande heterogeneidade.

Desse modo, tanto a análise das tiras quanto a exploração dos quadros de pintores, capas de revistas e letras das músicas levaram os alunos a desvendar aspectos de machismo e patriarcalismo nos discursos e também a valorizar a mulher em sua constante busca por espaço numa sociedade marcadamente preconceituosa e segregadora.

Também foi de fundamental importância o aspecto de desenvolvimento da leitura, no qual os alunos passaram de uma leitura superficial e limitada à outra, mais exploratória e crítica, desvendando aspectos que os surpreenderam, detalhes que foram capazes de gerar leituras aprofundadas.

O presente trabalho foi apenas um fragmento de algo muito mais amplo que pode ser desenvolvido, com grandes discussões sobre questões de gênero e a presença de discursos machistas em diversos meios (charges, músicas, literatura, revistas, jornais, programas de TV, entre outros).

Vale salientar a pertinência da leitura de charges como forma de agregar valor a leitura e desmistificar a idéia de que ler é “chato” ou “difícil”.

Ao descobrirem-se leitores de charges, os alunos tendem a valorizar mais este tipo de leitura e também a buscar novas leituras, talvez sobre o mesmo tema, desvendando um universo de possibilidades.

Dois pontos são basilares a este trabalho: propiciar a leitura de charges e gerar discussão sobre a figura da mulher ali presente conferiu originalidade à atividade e conquistou a atenção dos alunos, tornando o trabalho mais prazeroso e produtivo.

É provável que através de tal proposição seja possível desvendar melhor os mecanismos de preconceitos presentes nos diferentes tipos de linguagem e buscar superá-los.

3 – Referências

- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003
- COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 2001
- DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002
- FOLHA DE SÃO PAULO. Folha Ilustrada, Caderno E, 2007
- FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Equilíbrio, 2007
- LEE, Rita. *Cor de rosa choque*. In: **Rita Lee**. São Paulo: Som Livre, 1993. 1LP. Lado B – faixa 1
- LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. *Todas as mulheres do mundo*. In: **Rita Lee e Roberto de Carvalho**. São Paulo: Som Livre, 1982. 1LP. Lado B – faixa 3
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros Textuais: Definições e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002
- POSSENTI, Sírio. **Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística*. 3 – Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004
- RAMA, Ângela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Práticas de leitura na escola**. São Paulo: Unicamp, 2001